

PEDAGOGIA DO CON VÍVIO

na invenção
de um viver
HUMANO

Ralf Rickli

2.^a pré-edição
sujeita a correções

Trópis • 2007

Ralf Rickli

Pedagogia do Convívio: na invenção de um viver humano

• coletânea de textos produzidos de 1997 a 2006 •

1.ª PRÉ-EDIÇÃO: DEZEMBRO DE 2006

2.ª PRÉ-EDIÇÃO: JUNHO DE 2007

Versão B, com pequenas adaptações para download via internet

ASSOCIAÇÃO TRÓPIS PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL E SOCIAL
BRADESCO AG.2841-0 (VILA DAS BELEZAS) CC. 1591-1 (ASSOCIAÇÃO TRÓPIS)
CNPJ 03.059.027/0001-48

Rua República Argentina 9 c.21 • 11650-030 Santos SP • Brasil
www.tropis.org • comunic@tropis.org
fones (13) 3289-6779 • (11) 8552-4506

COPYLEFT

Este trabalho é oferecido à sociedade, e pode portanto ser reproduzido no todo ou em parte desde que dentro das seguintes condições:

- Mencionar sempre com clareza o autor, os dados da edição e os meios de acesso a ela (nesta pré-edição, o e-mail rr@tropis.org).
- Ao reproduzir em parte (citar), não alterar nenhum detalhe do texto reproduzido sem especificar claramente a alteração e assumir responsabilidade por ela (com nome e meio de contato).

A REALIZAÇÃO DESTES TRABALHOS SÓ FOI POSSÍVEL MEDIANTE O SUBSTANCIAL APOIO FINANCEIRO À TRÓPIS POR PARTE DE:

Frans Schoenmaker - da empresa Terra Viva e Associação Schoenmaker

Aymée Correia Rickli - mãe do autor, a partir de seus limitados ganhos de pensionista

Gunnar Vargas e Gil Marçal

filho e quase-irmão do autor, co-criadores da Trópis desde seus 14 e 15 anos, respectivamente, a partir de seus ganhos profissionais pessoais

Associação Beneficente Tobias • São Paulo
com apoio às atividades gerais de 2001 a 2005

Associação de Amor à Criança Arcanjo Rafael • Santos
mediante seus diretores Alair Rodrigues e Eduardo Lustoza
pela cessão sem custos do chão sobre o qual foi escrita a maior parte deste trabalho

VNB - Verein niedersächsischer Bildungsinitiativen
União de Iniciativas Educacionais da Baixa Saxônia - com recursos da

Niedersächsische Lottostiftung - Bingo, die Lotto der Umwelt
Fundação lotérica da Baixa Saxônia, Alemanha - Bingo, a loteria do ambiente
pelo apoio ao Projeto Oca Mundi em 2004, e potencialmente à sua continuação

e de muitas outras pessoas e instituições com participação individual menor, mas não por isso menos significativa.

SANTO AGOSTINHO:

– *A causa de filosofar do homem é nenhuma, se não o objetivo de ser feliz.*

DALAI LAMA:

– *A felicidade é sempre resultado de trabalho criativo.*

ROGER GARAUDY:

– *Não existe ato mais revolucionário
do que ensinar uma pessoa a enfrentar o mundo como criadora.*

KANT:

– *SÁPERE AUDE!... (ouse saber = ouse conhecer experimentando o sabor!)*

ALGUMA COISA LÁ NO FUNDO:

– *CREARE AUDE!... (ouse criar, ouse tentar de outro jeito, ouse inventar!)*

CONCLUSÃO:

– *Então vamos nessa.*

*A todos que, de um modo ou de outro,
têm ousado participar desta aventura
de co-criação*

TÁBUA DOS ARTIGOS

0. AS COISAS E OS NOMES DE QUE SE FALA AQUI

A. PRIMEIRAS FOLHAS

1. Convívio, Cultura e Ética Social - princípios para uma educação que faça diferença
2. Alguns conceitos-chave da forma de trabalho da Trópis
3. Pedagogia do Convívio: histórias para uma História

B. ENCARANDO O MUNDO E SUAS QUESTÕES

4. Insuficiências da educação, violência e juventude no Brasil: um rumo de atuação
5. A “Arte Social” e o convívio EM e ENTRE grupos ou organizações
6. Algumas idéias sobre Turismo Ambiental e trabalho para jovens na Baixada Santista
7. Educação para o Convívio Planetário: uma aventura na Alemanha

C. INDO AO DEBATE COM OS DOUTORES

8. Em busca da integridade perdida: reflexões no cruzamento sócio-bio-psico para uma educação capaz de educar
9. Um contraponto para nossos valores em educação: anotações em torno de Carl Rogers
10. Uma aula para Lili (uma palavra sobre alfabetização infantil)
11. Mestres humanos ou crias de Frankenstein? contribuições para a criação holográfica do par interdependente “democracia viável” e “formação profissional conseqüente em educação”
12. O fantasma de Aristóteles e a Ética, Método e Educação de que precisamos hoje

D. UM POUCO DE COSMOTROPISMO

13. Para uma aproximação ao sentido profundo do Convívio
14. O Manifesto do Reencantamento do Mundo

BIBLIOGRAFIA GERAL

ÍNDICE ANALÍTICO

0. AS COISAS E OS NOMES DE QUE SE FALA AQUI

0.1 OS VOLUMES PREVISTOS E AS PALAVRAS EM QUESTÃO

O autor é o primeiro a achar que *falta certo bom-senso* a este livro: ele amontoa coisas demais, do ponto de vista editorial.

(Já do ponto de vista do conteúdo, é forte a sua aposta numa recuperação do *apreço pelo bom-senso...* que é algo bem diferente do “senso comum” com que tantas vezes é confundido. Se isso foi conseguido... bem, aí é com o leitor!)

Acontece que há razões (por isso este relativo excesso) para que até meados de 2007 esteja registrado e acessível – mesmo que ainda não em edições convencionais – um *corpus* substancial e suficiente para evidenciar-por-si-só a natureza e os fundamentos do que chamamos **convivialismo** – palavra que cobre uma considerável variedade de idéias, experiências e propostas que vemos se agruparem *grosso modo* em dois pólos: uma **Filosofia do Convívio** e uma **Pedagogia do Convívio**.

Embora esses dois pólos sejam fortemente interligados, para evitar um acúmulo ainda maior optamos por dedicar a cada um deles um livro ou volume em separado: este ***Pedagogia do Convívio: na invenção de um viver humano***, concluído em dezembro de 2006, e ***A chave de tudo mais: apontamentos para uma Filosofia do Convívio***, previsto para meados de 2007 (ainda que logicamente a Filosofia – mais geral – devesse preceder a Pedagogia – mas particular).

No entanto, devido à mencionada interligação não são poucas as referências que um volume tem que fazer a artigos e temas presentes no outro – e aí, devido ao caráter praticamente interno dessas referências, deixaremos de lado o sistema convencional que remete à Bibliografia usando o nome do autor em VERSALETE, seguido ou não pelo ano da edição, mas por simplicidade tampouco mencionaremos a cada vez o título completo de cada livro. Em vez disso, estes dois volumes se referirão a si mesmos como ***Filosofia do Convívio*** e como ***Pedagogia do Convívio*** (via-de-regra assim, em itálico e negrito), ou mesmo abreviadamente como **FC** e **PC** (o que permite dizer, por exemplo, “tratamos disso em PC 11.3.5.1).

Naturalmente esperamos escrever ainda outros livros sobre esses dos temas, mas com isto optamos desde já por convencionar que a referência *a eles* terá que recorrer a outras palavras que os diferenciem. Ou seja: quando se referirem a livros, as expressões desacompanhadas *Filosofia do Convívio* e *Pedagogia do Convívio* se referirão sempre a estes dois volumes que se pretendem (ou pelo menos tentam ser) fundadores.

Apesar de tanto sistema nos títulos, suspeitamos que o leitor logo notará que este livro *não* é propriamente uma exposição *sistemática* do que chamamos Pedagogia do Convívio. Gostaríamos que fosse, mas aos poucos fomos entendendo que é extremamente difícil, senão impossível, elaborar uma sistemática de *um processo vivo não terminado* – e obviamente interessa-nos muito mais *que o processo permaneça vivo* do que termos em mãos uma linda sistemática... que seja ao mesmo tempo um necrológio.

Demos preferência, assim, a deixar que uma imagem também viva da Pedagogia do Convívio emergja de uma coleção de artigos consideravelmente independentes que enfocam diferentes aspectos do tema, inclusive suas relações com idéias e questões situadas fora de seu alcance direto (pois, parafraseando a frase de Terêncio que aparece mais adiante, não consideremos alheio ao convivialismo nada do que seja humano).

Que palavras e temas são personagens de destaque nestes dois livros que se propõem a conviver com tudo o que há de humano?

Podemos dizer que a Filosofia do Convívio é sobretudo uma exploração do imenso alcance de um ponto de partida aparentemente simplório: o *convívio dos diferentes sem anulação das diferenças*. Podemos falar dele em termos de **exclusão da exclusão**, expressão que Edgar MORIN propõe mas não parece explorar tanto quanto poderia. Da

nossa parte, temos falado dele desde 1982 como **princípio do pluralismo sistemático** (ou **radical**, ou **absoluto**), o que (para brincar vez ou outra de modismo contemporâneo) às vezes também abreviamos como **PLURS**.

Se o campo mais evidente do pluralismo sistemático é a Ética, de onde atinge rapidamente o campo político-jurídico, logo vamos encontrá-lo também no campo antropológico-cultural e no epistemológico – **noodiversidade** ou **ideodiversidade**; convívio dos diferentes modos de saber: das *pequenas narrativas* (conseqüência inevitável da falência das grandes, anunciada por Lyotard); a atual espiritualidade *self-service*; uma reconcepção da relação conhecimento-fé – já em si um convívio de diferentes, e de enormes conseqüências para o convívio intercultural.

Não bastasse, nosso pequeno princípio continua acenando como um moleque (“olha aqui eu!”) de dentro de todos os campos para onde voltamos o olhar: psicológico, ecológico (biodiversidade e homeostase), físico-cosmológico, noo-cosmológico... – todo um panorama reservado para o volume *Filosofia do Convívio*, para podermos nos centrar aqui no aspecto pedagógico.

A Pedagogia do Convívio nasceu com o nome **educação convivial** e definida como **educação PELO CONVÍVIO e PARA O CONVÍVIO** – ou seja, tomando-o mais uma vez como categoria principal tanto no campo dos métodos quanto no dos objetivos. Um de seus grandes temas tem sido a *recuperação do rosto humano* nas relações (**re-humanização**) e da dimensão comunitária (simbolizada como **aldeia**, mesmo se dentro da metrópole), isso porém *jamaís como retorno* (ao modo de um conservadorismo romântico) e sim como **invenção** do presente e do futuro a partir da nossa própria consciência e escolha.

Outras expressões freqüentes têm sido **educação centrada na Ética**, educação para a **cidadania universal** e, mais recentemente, para a **integridade**, não só no sentido ético mas também no da integração da **via analítica** e da **via estética da cognição** (uma caracterizadas pelo predomínio das lógicas verbal e matemática, a outra pela consciência corporal, emocional e intuitiva). E essa integração tem a ver ainda como o tema do **reen-cantamento** da nossa percepção do mundo, o direito ao sentimento de *transcendência* ou do *sagrado* que, como Goethe, temos apostado em atingir pela sinergia entre conhecimento e arte (donde nossas **OCA**s - **Oficinas de Conhecimento & Artes**).

Como toda Pedagogia depende da formação de educadores, ainda outro tema vem sendo a revalorização da **Didática**, com a proposta da sua reorganização em torno do estudo do **exemplo** (transformação do ensino involuntário em ensino implícito intencional) e da **cumplicidade** (“condição principal da educação”).

Há ainda um campo de importância pedagógica tão decisiva que lamentamos não tê-lo no presente volume senão em menções parciais: a **crítica da linguagem e da comunicação**, que inclui campos como a **subordinação das nomenclaturas** e a **economia da fala**.¹ Outro tema em situação parecida é o princípio metodológico do **minimalismo**, já um pouco mais desenvolvido neste volume, sobretudo no artigo 12, *O fantasma de Aristóteles*.² Os dois terão capítulos específicos no volume *Filosofia do Convívio*.

A compreensão de alguns termos, finalmente, depende de uma certa contextualização: traços desta Filosofia do Convívio remontam já aos questionamentos de adolescência do autor (em algum ponto entre 1968 e 70) e, como já dissemos, o nome “pluralismo sistemático” vem sendo usado desde 1982 (ver 3.1). No entanto o nome “convívio” só veio à baila em 1996, ligado às experiências sócio-pedagógicas iniciadas em 1993, em todo um movimento que se vinculou ao nome **Trópis** (v. 2 e 3.3).

¹ Menções à crítica da linguagem e da comunicação, neste volume, sobretudo em 2.3.3, 5 (“economia da fala”), 6.6 (“suspensão da nomeação”), 8.3.e, 11.0.4 (“suspensão da nomeação”) e em diversas passagens do artigo 12., sobretudo o ponto 4.4.

² Menções ao minimalismo, neste volume, em 2.3.3, 3.2.3, 5.1, 11.0.4, 12.4.4, e de modo um pouco mais extenso e sistemático em 12.3.2.

Foi no bojo dessa experiência que amadureceram a concepção e o uso de diversas expressões contendo essa palavra: *filosofia e pedagogia do convívio, convivialismo, teoria convivial, conviviocultura, convívio-cultura*. Por essa razão, havendo necessidade de distinguir estas idéias de outras que possam fazer uso de nomes semelhantes, temos proposto o adjetivo **tropisiano** (p.ex., “o convivialismo tropisiano”). No cotidiano, porém, terminamos fazendo uso mesmo é de uma palavra de sabor menos acadêmico e mais brincalhão: **tropeiro** (“encontro de tropeiros”, “a experiência tropeira” etc).

0.2 AS MIL REFERÊNCIAS E NUMEROZINHOS

Gostamos *muito* de mencionar as fontes bibliográficas, mesmo que de uma alusão de passagem; qualquer nome de autor em VERSALETE, mesmo no correr de um texto e sem maiores detalhes, indica que ele é mencionado na Bibliografia. A intenção disso não é demonstrar erudição e sim, no mais puro espírito da Educação Convivial, “compartilhar saber” (v. 2.1); deixar à disposição do leitor as pontas dos novelos de que nos valem – para que ele, *se for seu desejo*, vá lá, investigue, e quem sabe mostre que dos mesmos fios também se pode fazer outra manta.

A referência bibliográfica é portanto uma declaração de respeito à capacidade, à liberdade e à autonomia do outro.

Outro aspecto é a quase obsessiva numeração de tudo o que é seção, capítulo, parágrafo... Alguns amigos consideraram isso extremamente irritante... como se estivessem lidando com algum compêndio de matemática ou de biologia ao estilo antigo. Acontece que tais compêndios, garimpados por entre os livros dos pais, tios e primos, foram uma verdadeira fonte de encantamento na nossa infância... – isso sem falar de todo o treinamento recebido, na igreja e na família, no manejo da Bíblia, um livro onde se pode localizar quase que cada palavra pelos números dos capítulos e versículos, e cheio de referências cruzadas...

Gosto. Gosto *muito* de que meu texto fique cheio de números assim. E espero que à maioria dos leitores isso não incomode a ponto de abandonar o livro por isso!

0.3 EU, NÓS E O AUTOR

O terceiro aspecto é o que ACABAMOS de demonstrar mudando o sujeito de “nós” para “eu” de um parágrafo para outro (isso além de um terceiro sujeito, “o autor”, presente no livro em alguns textos de apresentação).

Antes de tudo, este volume é uma coleção de artigos escritos em diferentes momentos e para diferentes fins. Em alguns deles ACHAMOS que o mais apropriado seria dizer “eu acho que”, como numa conversa entre amigos. Em outros, que seria mais apropriado dizer algo como “quer-nos parecer”... como nos diálogos que vêm acontecendo há séculos entre pesquisadores e teorizadores de todo tipo, quase que exclusivamente por escrito – ou mais: quase como se fossem *as idéias* que conversassem elas mesmas entre si, diretamente a partir dos livros, nas bibliotecas das universidades...

CONFESSO que uma parte de mim gosta *muito* de participar dessa tradição e escrever no plural acadêmico, também chamado, de modo correto, de “plural de modéstia” (apesar de que já tenha visto professores doutores se referirem a ele como “plural majestático”..., que é a designação que cabe ao uso do sujeito “nós”, com absolutamente outro tom e outros fundamentos, pelos imperadores e reis).

Ainda assim houve momentos, dentro de artigos iniciados com o sujeito “nós”, em que mantê-lo ficaria de uma artificialidade insana: quando deixava de teorizar e passava a narrar acontecimentos do cotidiano: “então o Joãozinho nos perguntou, e respondemos ao Joãozinho”... *Dá licença, né?*

Pouco a pouco PERCEBI que havia um critério implícito nessas oscilações – e DECIDIMOS assumir conscientemente esse critério: **sujeito que teoriza ou narra fatos que acontecem dentro do universo textual (“encontramos tal idéia em tal autor”) é “nós”; sujeito que narra fatos da vida cotidiana, extra-textual, é “eu”.**

Não há precedentes no uso desse critério? Ora, todas as tradições começaram um dia, não é mesmo?

Parece haver, enfim, uma razão bastante interessante por trás disso, a qual se esclarece melhor observando o caso reverso: quando o artigo foi iniciado com sujeito “eu” e nos sentimos compelidos a dizer “nós”. Na narração de acontecimentos da história da Trópis (3.2.3), em muitos momentos o sujeito se tornava “nós” simplesmente porque o narrador havia participado de uma decisão ou de uma ação coletiva.

Mas em outros momentos... quando se iniciava um processo de elaboração teórica, de repente vinha a nítida sensação de que não o estar fazendo sozinho, *e sim com todo um colegiado* dentro do espaço mental – talvez quem sabe sentado em círculo...

Não interpretaremos esse fato aqui ao modo espiritualista (espíritos, anjos, consciências extra-humanas de qualquer tipo) – embora quem sabe fosse correto, quem pode garantir que não? Mas, ainda que fosse, neste momento preferimos levantar outra hipótese:

Sendo o desenvolvimento de uma análise e de uma interpretação um processo eminentemente dialógico, em que várias tentativas de leitura do fato, e de formulação de um discurso sobre ele, têm que de certa forma competir umas com as outras, a psique pode facilitar esse processo desdobrando-se momentaneamente como que em um grupo de sub-sujeitos.

Esse fato pode talvez ser estimulado pela experiência de haver participado de debates em grupos, situação que seria então internalizada e mimetizada pela psique. Ela talvez também possa “delegar porta-vozes” para representar a posição deste ou daquele autor ou desta ou aquela corrente teórica de que tenhamos conhecimento – ou quem sabe de um ou outro professor marcante que ainda vive em nós.

Seja como for: quando teorizo, não sinto que estou trabalhando sozinho: sinto inequivocamente que é um trabalho coletivo – e que seria então de uma extrema propriedade que este pequeno sujeito que manda parar o trabalho quando tem fome, ou que se exaspera e xinga no trânsito, que *este* sujeito apresentasse os resultados do trabalho dizendo “eu”. Pois, seja qual for a natureza dos “outros” que participaram do trabalho, o certo é que não foi este sujeito sozinho quem o fez!

(E agora, uma sinuca: a qual dos sujeitos pediremos que registre aqui algumas informações sobre o autor?)

0.4 SOBRE O AUTOR

O capítulo 1 do artigo 3 contém oito páginas de depoimento autobiográfico, de modo que aqui apenas registraremos alguns traços gerais de modo sucinto:

RALF RICKLI trabalha com educação para-escolar desde 1976. Além de intenso empenho autodidático sobretudo em línguas e outras frentes das ciências humanas, fez estudos de pedagogia musical e piano na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Curitiba), Agricultura Biodinâmica e outros temas com abordagem goetheanista-steineriana no Emerson College (Inglaterra) e Institut Annener Berg (Alemanha), e de Pedagogia (com um semestre em Artes Cênicas) na USP (São Paulo).

Nos anos 80 (além de breves porém marcantes experiências como administrador de sítio, aprendiz em fábrica de pianos e redator de publicidade) foi co-fundador, editor e docente no então Instituto Biodinâmico (Botucatu SP). Nos anos 90 criou, com jovens da periferia paulistana, a Associação Trópis para o Desenvolvimento Cultural e Social.

Trabalhos escritos incluem artigos em periódicos e ensaios em diversas áreas, poesia, contos e ficção histórica para jovens e adultos.³ Contato: rr@tropis.org

³ Esse *corpus*, que provavelmente ultrapassa duas mil páginas, está até hoje ausente da *mainstream* do mundo editorial. Cerca de 2/3 teve pequenas edições convencionais ou alternativas, ou foi publicado em boletins e anais de circulação restrita, e cerca de 1/3 são trabalhos acabados mas ainda inéditos (principalmente em poesia).

